

**SUCESSO DA CAMPANHA DE AGITAÇÃO —
A NAÇÃO RECLAMA
A EXTINGÃO DO
Campo de Concentração do Tarrafal**

De há muito que o povo português vem lutando pelo **Extinguimento do Tarrafal**. Desde o princípio o Partido Comunista tomou a vanguarda da luta **pela extinção do maldito Campo de Morte Lenta**. Até 1945 muita agitação, apelos no "Avante!", separatas, cartas enviadas às autoridades, etc., foi feita exigindo-se sempre a **Extinguimento do Tarrafal**. Esta ação persistente do Partido Comunista tornando conhecido do povo português o Tarrafal. Os softimentos dos antifascistas e patriotas ali prisões e a morte de algumas dezenas deles, iam-se tornando conhecidos da Nação. E, desta forma, a Nação, a pouco e pouco, **começou a exigir a Extinguimento do Campo de Tarrafal**.

Quando em fins de 1945, o governo fascista de Salazar resolve pôr em prática a sua manobra pseudo-democrática, o MUD entra em ação na Praça **TARRAFAL** corre Portugal de los a los. Nas assembleias, manifestações e na propaganda do MUD, do MUNAF e do Partido Comunista, o Povo exige a **Extinguimento do Campo de Concentração do Tarrafal**.

**A VOZ DA NAÇÃO RECLAMA
A EXTINGUIMENTO DO CAMPO DO TARRAFAL**

Continuando sempre na vanguarda da luta **pela Extinguimento do Tarrafal**, o Partido Comunista Português organizou, de 15 a 22 de Setembro passado, uma Campanha Nacional pró extinção do Tarrafal que foi coroada de grande sucesso.

O Partido Comunista publicou um manifesto, com a tiragem de 40.000 exemplares que foi largamente difundido por todo o país, apelando para todos os democratas e patriotas — para o povo — **exigirem a Extinguimento do Tarrafal**.

Ao mesmo tempo algumas organizações do P. (Norte e Sul) fizeram publicar aproximadamente 500.000 pequenas targetas onde se exigia a **Extinguimento do Campo de Tarrafal**. Esta distribuição causou grande sucesso.

Ao mesmo tempo o Movimento de Unidade Nacional Antifascista (MUNAF), publicou também, algumas dezenas de milhares de exemplares de manifestos e targetas, que tiveram larga repercussão por todo o país. E, o MUD, por sua vez, nunca mais deixou de considerar como seu dever continuar exigindo, quer nas suas publicações, quer em representações às instâncias oficiais, quer ainda nas assembleias, a **Extinguimento do Tarrafal**.

Pudemos afirmar com toda segurança que durante a campanha de 15 a 22 de Setembro foram distribuídos por todo o país **mais de meio milhão de exemplares de publicações exigindo a Extinguimento do Tarrafal**. As telas e outros ajustamentos recobriram os manifestos e targetas. Aliada a esta propaganda a agitação, milhares de cartas e postais foram enviados às autoridades civis e religiosas assim como às embaxadas estrangeiras, pondo-as no corrente do que se passou e passa no Tarrafal e exigindo a sua **EXTINÇÃO**.

Por outro lado, milhares e milhares de inscrições e carimbos foram feitos por todo o país nos muros, postos de correio, nas estradas, etc., principalmente nos centros mais importantes.

Apesar da grande repressão, que por vezes tomou um autêntico aperto militar, como por exemplo, junto da Estação da Trindade no Porto, Sr., da Flora, Porto, Barreiro, Vizela, etc., etc., e da preocupação das autoridades em apagar as inscrições e evitarem que os manifestos e targetas fossem ampanhados pelo Povo, a Campanha foi cumprida conforme estava prevista: centenas de milhares de pessoas, do norte ao sul do país, tornaram conhecimento das principais patravas de ordem a **palavra Extinguimento do Tarrafal, correu de boca em Boca por todos os recantos de Portugal!**

Seria nosso desejo apontar todas as localidades e os factos mais salientes da Campanha, mas, não podemos fazer dado que teríamos que apontar centenas de localidades e de casos.

**A LUTA PELA EXTINGUIMENTO DO TARRAFAL
DEVE CONTINUAR**

Ao mesmo tempo que saída os agitadores, que não se pouparam a sacrifícios de toda a espécie, inclusive a prisão, como sucede → pag. 2

PORTUGAL DEBAIXO DO SÍGNO DA CRISE

E A INCAPACIDADE DO SALAZARISMO PARA A SOLUCIONAR

POR mais que o salazarismo se venha esforçando para demonstrar que a situação económica do nosso país caminha para a normalidade, os factos ditam a díla vêm provando que essa não é a realidade. O nosso país, muito ao contrário, continua na sua marcha para uma crise económica profunda. A 3 de Outubro, o ministro da Economia recebeu os dirigentes dos sindicatos operários da indústria corticeira, os quais, numa exposição lhe exponham a grave crise por que estão atravessando e para a qual pediam providências. No dia 11, do mesmo mês, o ministro fazia uma viagem à Covilhã conjuntamente com o subsecretário das Corporações para ver se conseguia acalmar o descontentamento e incerteza que lavra entre os operários e industriais. Segundo informações dos industriais, ao ministro, existiam mais de 100.000 contos, de fazenda em depósito para a qual

não se encontrava mercado. Isto sucede assim porque o baixíssimo nível de vida do nosso povo não lhe permite comprar, e não porque o mercado esteja saturado.

A 5 de Novembro o ministro fazia nova visita, desta vez, aos lavradores alentejanos para ver se conseguia animar para a presente sementeira do trigo. Num discurso por ele proferido em Portalegre depois de assinalar a necessidade que tivemos de importar 325.000 toneladas de trigo, em 1947, disse: «Garanto-lhes, meus senhoros, que os procurarei ajudar na medida do possível dentro dum espirito de justiça e do limite das minhas próprias forças; mas é tão inconstante o momento, que só, tão nebras as nuvens que se acumulam no horizonte, que adianto a possibilidade de pedir a lavoura mais sacrifícios que aqueles que até agora lhe pedi. Estes factos demonstram bem o estado em que se encontra a econo-

Pançante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

CONTRA AS MANOBRAS DE SALAZAR

FORTALEÇAMOS A UNIDADE!

ALGUMAS modificações se têm efectuado ultimamente na situação económica e política portuguesa que convém analisar, e que o íntimo discurso de Salazar evidencia.

Tendo conseguido sustar, em parte, o descontentamento existente entre o povo pela falta de géneros alimentares à custa de importações ruinosas, desenvolvendo a sua ação demagogica com viagens e discursos ministeriais de norte a sul do país, onde se prometeu e pouco se leva a prática intensificando a pressão e repressão dos elementos democráticos, tentando dividir-los e aterrorizá-los, e sentindo-se apoiado pelas forças reacionárias mundiais, onde sobressaem os anglo-americano-s, Salazar uniu-se e entrou, nesse seu discurso, em considerações e afirmações muito mais arranjadas do que há algumas

previsões, como no actual momento e, passando por elas, sem a menor referência à grave crise económica que estamos atravessando. Salazar pretende demonstrar que praticamente não existe oposição a seu governo. Fazendo, por outro lado, umelogio rasgado aos Estados Unidos dizendo que admira a sua generosidade, largueza de espírito e profundi-
do que azeorem em auxílio da Europa, sem var-
ios qualificações condicionamento ou exigência política, apresenta a União Soviética como elemento de discordia, nôrvore e dominadora caído sobre toda a Europa, acabando por apresentar o espartilho do espírito comunista para ver se assim consegue des-
vian e enganar os mais ingênuos em política.

O que pretende Salazar com tudo isto? Ver se conseguia a entender a ONU a qualquer preço, mesmo que via dionzido que não renovou o pedido.

O outro objectivo que Salazar procura atingir é ver se consegue levar desfalcado e cavar a desnudez entre as forças de oposição ao regime. Assim, insinua que a vaga de liberalismo foi ultrapassada e que o dinamismo e apoio buscado aos comunistas pelas forças de oposição democrática acabou por se fazer tornar indesejável e contraproducente, salientando que os resultados apresentados pela oposição se aproxima tanto das soluções experimentadas pelo próprio salazarismo que mal se poderia encontrar campo para a oposição mediar. Que dizer para Salazar, excluídos os comunistas como "indesejáveis", a oposi-
ção não tem razão de existir. » → pag. 2

A CRISE CORTICEIRA E OS MONOPÓLIOS ANTINACIONAIS

Alerta contra a exploração dos grandes industriais fascistas protegidas pelo governo

Mais uma vez o P. Comunista, o partido da classe operária, desmaraça as manobras do capital financeiro e o governo fascista de Salazar, não porque isso lhe sirva de agitação anti-governamental, mas porque está nisto o próprio interesse nacional.

Quando o Partido levanta a questão da crise corticeira, salta que os grandes capitalistas da corticeira e o governo fascista de Salazar haviam de passar a contra-ofensiva e de procurar transformar a crise,

que trazia uma maior miséria para os operários e a ruina aos médios e pequenos industriais, em proveito egoísta do bando monopolizador que procura tornar o nosso país em campo da mais desenfreada exploração.

O P. Comunista não se engana. Numa exposição enviada ao governo, os grandes industriais pedem:

1.º — A concentracão industrial e a corporativização dos industriais, 2.º — Liquidar dos salários, tornando base os salários do Norte, que são os mais baixos, 3.º — Exclusão do quadro permanente de pessoas não qualificadas, 4.º — Que os industriais passem a fixar o trabalho diário para os operários e que os que não fizerem todo esse trabalho sejam despedidos, 5.º — A redução de 10% nos salários actuais.

O que visam estas medidas dos grandes industriais éploras pelo salazarismo? O monopólio absoluto da indústria corticeira por um punhado de grandes industriais e uma exploração mais desenfreada dos operários; mais descorporação e miséria entre estes e a ruina completa dos pequenos e médios industriais. Quer dizer, o benefício dum pequeno número contra a maioria dos que vivem da indústria da corticeira e contra a própria economia nacional.

Esta será a via pela qual o salazarismo procurará resolver a crise corticeira, se os operários e os pequenos e médios industriais não se opuserem. A crise, como o Partido Comunista tem apontado, poderá ser agravada e resolvida por outras vias. De que forma? Afirmando créditos aos pequenos e médios industriais para que eles possam ir mantendo os stocks e a laboração de suas fábricas; medidas protecionistas e auxílio que facultem a indústria o poder enfrentar a concorrência de outros países produtores de corticeira; abertura de relações comerciais com outros países, particularmente com a U. Soviética, Polónia, Checoslováquia, para a conquista de novos mercados, sem a interferência de terceiros; reorganização da indústria de forma a uma maior industrialização da corticeira, seja prejuízo dos pequenos e médios industriais e dos operários, em benefício da Nação. Se estas medidas não forem o suporte de trabalho a todo o operário corticeiro os dias de abnegação deviam ser cobertos por um subsídio a expensas do Fundo do Desemprego, Caixa de Previdência e outra qualquer verba fornecida pelo governo. O dinheiro rombado dos trabalhadores devem voltar à posse dos mesmos trabalhadores.

Por outro lado, outras medidas podem ser tomadas, que atenuariam a crise entre os trabalhadores como

seja a construção de casas operárias com rendas modélicas, a criação de reféntários onde sejam fornecidas refeições baratas, etc..

Estas são as medidas, principalmente, pelas quais a crise da indústria corticeira pode ser enfrentada sem prejuízo dos pequenos industriais e dos operários, isto é, da maioria! Mas estas medidas só serão postas em prática pelo salazarismo se os pequenos industriais e operários o fizerem a isso. Esta portaria na sua **união e luta** em comun a conquista das medidas que os podem salvar da presente crise.

Nalguns centros corticeiros, os operários já começaram a movimentar-se neste sentido, procurando aumentar o trabalho diário para estudarem a situação e propor ao governo alguma destas medidas. Em Sines, Grândola e Évora, os operários entraram em conversação com os industriais locais para essa luta. Todavia os agentes do governo e os grandes industriais ou os que têm interesses ligados a elas têm procurado impedir este entendimento.

Por outro lado, os operários reconhecem também a necessidade da mobilização de **toda a classe corticeira**, para isso estão promovendo concentrações sindicais naquelas centros corticeiros para darem conhecimento aos trabalhadores da situação e das medidas que se implementam para enfrentar a crise. Em Silves houve várias concentrações no Sindicato e os dirigentes foram obrigados a conferenciar com as autoridades locais, sendo constituída uma comissão local composta pelo presidente da Câmara, delegado de Salazar, delegado do I. N. T. e dirigentes do Sindicato, que foi a Lisboa apresentando algumas medidas como fosse a abertura de um reféntário com comida barata, construção de um Bairro Operário, etc. Em **Vendas Novas**, depois de várias concentrações no Sindicato, os operários verificaram que a direção não lhes dava qualquer explicação sobre a crise; por isso resolveram criar uma Comissão Sindical, formando um diretório sindical a acompanhá-la à luta para se avisar com o delegado do I. N. T., exigindo providências para a solução da crise.

Será pois seguindo esta orientação e intensificando a sua luta que os trabalhadores poderão fazer frente às medidas que o salazarismo quer pôr em prática. O subsecretário das Corporações acaba de chamar os dirigentes sindicais, para assim dar uma ideia de que se está interessando pelos trabalhadores. Isto não passa de palavras, o fim de ir adiante os problemas que exigem uma solução imediata, como seja a presente crise que está afetando já alguns milhares de trabalhadores. » → pag. 2

Morreu Manuel dos Santos

Manuel dos Santos que há 3 anos conseguira a liberdade fugindo das massmorras salazaristas, onde tinha permanecido durante 12 longos anos, sofrendo as maiores perseguições e torturas dos esbirros salazaristas, morre a 25 de Outubro de 1947, depois de um longo e aterrador sofrimento. A doença que o havia de vitimar foi contrida nas prisões fascistas em resultado dos maus tratos: torturas físicas e morais, longos períodos de incomunicabilidade, rincão intratável e insuficiente, e, sempre a recaída dos encarcerados em lhe prestarem assistência médica.

Durante os 12 anos de prisão, Manuel dos Santos manteve-se sempre fiel ao seu ideal, defendeu sempre ativamente os encarcerados, defendeu sempre a sua qualidade de comunista.

Uma vez em liberdade, Manuel dos Santos não pôde mais exercer qualquer atividade porque a isso se opôs a doença que tinha contraído nas prisões salazaristas.

Manuel dos Santos, como tantos outros destacados combatentes antifascistas, não morreu de uma morte natural; ele foi assassinado pelos lindos salazaristas da **PIDE**. A morte de Manuel dos Santos é mais um crime por que o fascismo salazarista terá que responder um dia perante o tribunal do povo.

Os antifascistas portugueses não esquecerão mais este crime.

A melhor homenagem que todos os antifascistas e patriotas podem prestar a Manuel dos Santos é lutarem cada vez mais unidos contra o salazarismo e pela instauração de um regime verdadeiramente democrático em Portugal — no Portugal que ele tanto amou.

mais do nosso país: dum lado, a indústria nacional não encontrava mercados para colocar os seus produtos; douro lado, uma lavoura defendendo dia a dia tornando cada vez mais incapaz de produzir o indispensável para alimentar o nosso povo. Passaram os sete meses de outono; tudo devia ser feito para auxiliar a lavoura, particularmente os pequenos e médios lavradores, os rendeiros e os camponeses sem terra, além de que eles pudessem aumentar e intensificar a cultura dos produtos que tanta falta nos têm feito e tanto ouro nos continuam a custar. Mas não, as medidas atuam aqui tomadas que não passam de palavras e promessas vazias que nada resolvem.

A nossa lavoura se produzindo

depois de 1945, a indústria nacional não encontrava mercados para colocar os seus produtos; douro lado, uma lavoura defendendo dia a dia tornando cada vez mais incapaz de produzir o indispensável para alimentar o nosso povo. Passaram os sete meses de outono; tudo devia ser feito para auxiliar a lavoura, particularmente os pequenos e médios lavradores, os rendeiros e os camponeses sem terra, além de que eles pudessem aumentar e intensificar a cultura dos produtos que tanta falta nos têm feito e tanto ouro nos continuam a custar. Mas não, as medidas atuam aqui tomadas que não passam de palavras e promessas vazias que nada resolvem.

A nossa lavoura se produzindo

